

AS MALAS FECHADAS, OS TEATROS VAZIOS E A ESPERANÇA

Henrique Sitchin¹

Reúno neste artigo as impressões de quatro importantes grupos do Teatro de Animação de São Paulo - Morpheus Teatro, Polichinelo (e Museu do Boneco), Sobrevento e Truks, sobre a pandemia. Atravessamos, certamente, a maior crise de nossas histórias. Nossos cenários estão desmontados em suas caixas, assim como nossos bonecos não conseguem compreender porque há mais de 120 dias estão presos em malas fechadas.

No Museu do Boneco, espaço mantido graças à luta diária, hercúlea e incessante do Grupo Polichinelo, em Araraquara, interior de SP, onde já são suficientemente maiores as dificuldades impostas às atividades de um grupo teatral, os incríveis bonecos expostos estranham os corredores há tanto vazios de gente... No imprescindível Espaço Sobrevento, que se converteu nos últimos anos em um dos mais atuantes, generosos, aglutinadores e amorosos espaços culturais de São Paulo, não apenas o palco esvaziou-se, como calaram-se os tantos e essenciais momentos de encontros, para dar lugar a uma espera angustiante para todos nós, que nos acostumamos a ter nesse espaço um porto seguro e tão vibrante. Não somente, o Grupo Sobrevento cancelou duas oficinas no Chile, uma turnê pela China, apresentações contratadas, um projeto estadual e um nacional de circulação e um festival internacional de Teatro para Bebês. Nesse ano em

que a Cia. Truks completa 30 anos, uma série de temporadas e festividades, algumas em programação há quase dois anos, foram canceladas. O grupo faria uma viagem à Colômbia e mantinha conversações animadoras para apresentações em um festival na Jordânia, no final do ano. O Grupo Morpheus Teatro, que recentemente completou 18 anos, teve a alegria de receber o Prêmio Zé Renato para a circulação do premiado e sensível espetáculo *Berenices*. Preparava-se para iniciar uma jornada de 30 imprescindíveis apresentações por escolas da periferia de SP, além de uma temporada em teatro popular. Tudo teve que ser cancelado.

Juntando-se apenas os relatos desses quatro grupos, talvez estejamos falando em uma centena de apresentações canceladas, fora todos os projetos e pesquisas diárias que precisaram ser paralisados e revistos. Enfim, a roda engripou. Some-se a esse quadro a total falta de apoio do nosso (des)governo federal e pareço voltar a ouvir a voz do grande e saudoso Mestre Ilo Krugli quando, em seu célebre espetáculo *A História do Barquinho*, tentava, sem sucesso, fazer girar um grande mapa do Brasil. Dizia o personagem: *O Mundo gira. O Brasil... O Brasil não gira....*

Declara Luiz André Cherubini, do Grupo Sobrevento: *Tantos meses em casa, sem renda, somados a uma falta de perspectiva e uma impossibilidade de compreender o panorama que se desenha, nos assustam e nos deprimem. Quase nos imobilizam. Somos um coletivo que fez, em média, uma apresentação a cada três dias nos últimos 33*

¹ Diretor teatral, dramaturgo, fundador da Cia. Truks.
E-mail: truks@uol.com.br



Berenices (2016). Grupo Morpheus Teatro. Direção: Verônica Gerchman.
Foto: Karim da Hora.

anos. Desde o início da pandemia, nenhuma pisada no palco. Nosso Teatro – o Espaço Sobrevento – está triste e tivemos que desmontar o cenário de uma artista que lá ensaiava, pela cena consternadora que constituía.

Márcio Pontes, do Grupo Polichinelo, completa: *Daqui, do interior de São Paulo, onde o teatro sempre foi uma aventura que exigiu ainda mais de nós, esses tempos se tornaram uma névoa espessa que demora a dissipar-se, impedindo-nos de visualizar o outro lado desta ponte.*

Verônica Gerchman, do Morpheus Teatro, igualmente tece um quadro triste e repleto de incertezas: *Vivemos um momento único e o Morpheus está em suspensão como o mundo todo. A pandemia tem sido um período de reflexões,*

individuais e coletivas, onde temos que viver um dia por vez. Não temos planos, temos muitas preocupações, principalmente com o nosso projeto artístico que foi atropelado pela pandemia.

Outra questão importantíssima desse momento diz respeito às reações possíveis aos coletivos teatrais. Os quatro grupos são igualmente unânimes em declarar o seu desconforto com os vídeos, as *lives* e tudo aquilo que representam. Nós, da Truks, costumamos dizer que o avanço desenfreado da tecnologia fez nascer, naturalmente, uma balança que funciona da seguinte maneira: para um tanto de tecnologia e virtualidade, nossas vidas dependem do mesmo tanto de poesia. Alguma belíssima regra da vida humana parece precisar equilibrar essa balança. Só assim a nossa vida moderna faz sentido. Estamos vivendo momentos angustiantes de desequilíbrio, em que falta, a um dos lados da balança, a poesia dos encontros, a poesia do teatro!

Sobre o tema, Luiz André Cherubini lança uma pergunta tão irônica quanto provocadora: *Nosso trabalho não é fazer vídeos e nada tem a ver com isso. Para nós é como dizer: você é costureira, serralheiro, sapateiro, agente de viagens... por que não faz vídeos do seu trabalho?*

Márcio Pontes igualmente não se sente à vontade no atual estado de coisas, e cita: *Fazer teatro é um destino! Esse trecho de uma frase de Fernanda Montenegro, uma dama que dedicou uma vida inteira à arte, nunca nos trouxe tanto significado como nestes últimos tempos. E para aqueles que se reconhecem nesta citação, fica fácil entender o quanto o palco e o encontro com o público nos têm feito falta. Sem dúvida, a ausência de atividades nos prejudica em nossos bolsos, mas muito mais na alma de quem foi acolhido pela arte numa espécie de adoção mútua: ela a nós, nós a ela.*

E Verônica Gerchman completa, lembrando do que faz do teatro uma arte única: *Estamos tendo um bombardeio de lives, espetáculos filmados, e*



achamos complicado chamar isso tudo de teatro. Para o Morpheus, teatro é a arte do encontro, do olho no olho, da escuta. O momento em que acontece. A live, apesar de ser ao vivo, a nós artistas nos devolve apenas símbolos gráficos: mãozinhas curtindo, coraçõezinhos, emojis... Não é essa a troca que nos alimenta, não é essa a verdadeira troca do teatro. Entendemos que esses vídeos são narrativas que, sim, usam o trabalho do ator, mas que não podem ser chamados de teatro.

Enquanto isso, passamos todos por dificuldades inimagináveis. O Sobrevento precisa manter um Teatro, pagando aluguel, IPTU, internet, telefone, o mínimo de água e luz, isso sem nenhuma renda. O grupo conseguiu negociar uma redução de 50% no custo do aluguel enquanto durar a pandemia. Chegou a fazer planos de desmontar o Teatro. Ainda assim, distribuiu cestas básicas para atores em situação ainda mais crítica. O Polichinelo, além de militar exaustivamente pela aplicação de políticas culturais eficientes em socorro aos artistas, em sua região, está recorrendo às doações voluntárias para dar sobrevivência ao seu grupo e ao seu Museu. O Morpheus sobrevive graças à verba recebida pelo Prêmio Zé Renato e a Truks conseguiu, após intensa jornada burocrática e assinaturas de contratos complicados e extensos, adiantar parte de pagamentos de trabalhos futuros, patrocinados por uma empresa.

A crise é, enfim, aguda. Somos, porém, artistas que transformam! Bonequeiros, damos vida àquilo que não tem vida. Não conheci ainda bonequeiro que, mesmo nos momentos de maior tristeza, não seja capaz de deixar os pensamentos ruins de lado para criar histórias com figuras desenhadas nas nuvens, ou então, no desânimo de um café da manhã, que não se distraia brincando com os talheres. A desesperança se fortalece na falta de vida. No entanto, criadores de vida que somos, trazemos ânima até mesmo para a desesperança que, assim, logo se transforma! Somos da vida e da esperança, e é isso o que combina com o nosso sagrado ofício.

Nos depoimentos que pedi aos amigos, todos igualmente foram unânimes em finalizar suas falas com grandes doses de resiliência e esperança!

Márcio Pontes, do Polichinelo, ao falar sobre oficinas que acabou tendo que fazer em vídeo, cita: *Essas atividades seguem como um improviso, numa alusão àquilo que sempre foi algo próprio do teatro feito por muitas companhias que lidam comumente com a falta de recursos: “a gambiarra”. E vejam só que interessante paralelo se traça agora, pois em distintos momentos as gambiarras improvisadas se tornaram melhores do que se pensava. E como nossa grande conhecida (pois com esta sim, temos intimidade), a dificuldade se torna impulso para a criação. Quanto ao teatro, mesmo que a história frequentemente venha a ameaçá-lo, por guerras ou mazelas, ele sempre consegue se refazer, ainda mais forte, frente a qualquer tecnologia, lançando sobre os atores a esperança como um holofote.*

Luiz André Cherubini igualmente entusiasma-se com a recente aprovação de um projeto do Sobrevento, que fará um interessantíssimo intercâmbio entre as culturas brasileira e persa, do Brasil com o Irã. Afirma ele: *Com isso, o grupo ganhou a esperança de manter o seu Teatro, e até nos manter, por um ano e meio, em um projeto de pesquisa que nos enche de entusiasmo e paixão. Com a perspectiva de pão na mesa, de teto para o Teatro nosso e de outros companheiros e da viabilidade de um sonho lindo, seguimos. Aos trancos e barrancos. Ainda à espera. Em dúvidas e dívidas. Mas animados. De mãos virtualmente dadas. Certos do importante papel que o Teatro tem a desempenhar na reconstrução do mundo como deveria ser, no restabelecimento dos laços entre as pessoas e entre elas e o mundo, na cura que sempre ofereceu. O Teatro nos lembra – neste mundo de pragmatismo, utilitarismo, economicismo e maldades – de que matéria somos realmente feitos. O Teatro voltará pelas ruas. Voltará como a celebração sagrada e festiva que sempre foi. Voltará*



Museu do Boneco. Araraquara – SP. Foto: acervo do Grupo Polichinelo.

pelas creches e escolas. Voltará para nos recompor, para nos curar, para nos afagar. E construirá um mundo melhor.

O Grupo Morpheus Teatro também fala da bonita sacralidade do teatro, como forma de nos manter em estado de resistência. Afirma Verônica Gerchman: *Sentimos muitas saudades dos palcos, de nos emocionarmos com o público. Essa comunhão, essa possibilidade de encontro que sempre impulsionou o Morpheus Teatro a criar. É o que faz nosso coração se aquecer. Continuamos aqui. Aguardando.*

Nós, da Truks, queremos crer que, quiçá, daqui para a frente o mundo valorizará mais as artes dos encontros. Estaremos ainda mais fortes e gratos à vida pelo privilégio de sermos o lado da balança onde está e para sempre estará a poesia. Voltaremos, sim, a praticar o nosso, um dos mais bonitos ofícios da humanidade: encontrar e tocar as pessoas com os nossos iluminados bonecos.

Outro dia ouvimos um lamento que vinha de dentro de uma de nossas malas. Era o boneco

Lucas, muito chateado, um pouco magoado por estar preso lá dentro há tanto tempo. *“Quero sair!”* – Ele nos dizia com os olhos... *“Não pode, Lucas! Temos que esperar! Há um vírus lá fora, matando milhares de pessoas”* – pacientemente explicamos. Lucas pensou um pouco, nos olhou com atenção, sorriu um sorriso invisível porém maroto, e nos disse: *“Nós bonecos somos mais fortes do que vocês! Não há e jamais haverá vírus que nos derrote!!!”*.

Sim... Sejam os zilhões de megapixels ou os poderosos minivírus, jamais os bonecos serão derrotados. Os ancestrais bonecos que, como sempre, haverão de abrir qualquer mala fechada.

Esperem só mais um pouco, querido Lucas... Logo vamos sair de nossas casas e vamos te tirar dessa mala! O mundo voltará a ser seu!